

ONU faz previsão pessimista da economia brasileira

CORREIO BRAZILIENSE 16 SET 1991

Joaquim Nogales

Depois de três anos de recessão, a economia mundial retomará o caminho do crescimento a partir de 1992. Os países da América Latina, mesmo os não-produtores de petróleo, já dão sinais de recuperação de suas economias. Todos apresentarão aumento de produção em 1991. A única exceção é o Brasil, de acordo com relatório da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad), que foi ontem divulgado nos quatro cantos do globo.

O documento das Nações Unidas assinala que a dívida externa dos países em desenvolvimento triplicou durante a década de 80. A soma da dívida hoje é de 318 bilhões de dólares. Os países desenvolvidos, segundo o relatório, começam a reconhecer que o ritmo de escalada dos débitos tem que diminuir. O caso do Egito e da Polônia, que sofreram uma redução de suas dívidas em 50 por cento no primeiro semestre deste ano, é lembrado como exemplo da boa vontade dos credores.

A Polônia, ao lado do Chile e do México, também é citada como exemplo de país que fez a correta opção pela maior liberdade de mercado. Reduzir o intervencionismo do Estado na economia, aliás, é remédio receitado

pela Unctad para o incremento do comércio e desenvolvimento mundial.

Recessão — O documento da Unctad, de 227 páginas, aponta a retração da demanda dos países desenvolvidos como a principal causa da recessão que se abateu sobre o mundo, desde 1989. A estimativa da entidade para este ano é de que a produção dos cinco continentes cresça somente em 0,7 por cento; em 1990, a produção foi 1,8 por cento maior que em 1989. O comércio internacional também cairá. O crescimento do comércio em 1990 foi de 4,3 por cento e neste ano será de apenas três por cento.

O Produto Interno Bruto da América Latina caiu, em 1990, 0,5 por cento. A média inflacionária da região subiu de 1 mil 100 por cento ao ano, em 1989, para 1 mil 500 por cento em 1990. O documento destaca que os países exportadores de petróleo da região alcançaram performances satisfatórias, apesar das dificuldades. Em 1990, a Venezuela, por exemplo, registrou um crescimento do PIB de 4,5 por cento; o México, 2,5 por cento; a Colômbia, 3,5 por cento e a Bolívia, 2,5 por cento.

Os parágrafos que o relatório da Unctad dedica ao Brasil não são dos mais animadores. Em 1989, o Brasil teve um cresci-

Reunião do Gatt traz avanços

A reunião do Gatt no Uruguai, também chamada de Rodada Uruguia, é analisada com extremo otimismo pelo relatório da UNCTAD. Embora a reunião tenha demonstrado um impasse na questão do comércio internacional de produtos agrícolas, já que os países europeus se recusaram a reduzir os subsídios que concedem aos seus produtores, o documento salienta que avanços foram feitos em relação à discussão do pagamento de direitos autorais para a produção intelectual e também na definição de políticas a serem adotadas pelos organismos in-

ternacionais de financiamento, que a UNCTAD considera como o maior desafio. "As negociações sobre a agricultura não se resumem simplesmente ao protecionismo ou a subsídios para exportação, mas também a políticas agrícolas dos países desenvolvidos", assinala o relatório da UNCTAD, acrescentando que as políticas agrícolas adotadas por estes países não só têm inibido a produção agrícola de países em desenvolvimento como também têm restringido a participação destes no mercado internacional.

De acordo com o relatório, o preço do café vem caindo em média 11 por cento ao ano desde 1982 e, embora a produção tenha crescido neste período em quatro por cento, os países produtores receberam 22 por cento a menos com o seu comércio.

mento razoável: 3,6 por cento. No ano passado, a queda do PIB brasileiro foi de quatro por cento. "A economia brasileira deve conseguir um desempenho melhor que em 1990 mas não se deve esperar um crescimento significativo neste ano", diz o relatório.

A Unctad afirma também que as reservas brasileiras em moeda forte caíram drasticamente entre 1979 e 1983. O documento diz que no final da década de 80

houve uma recomposição das reservas, mas que atualmente elas ainda se encontram muito abaixo do que o País detinha durante a década de 70. Para classificar a situação econômica do Brasil no final dos anos 80, a Unctad utiliza um adjetivo que nunca foi admitido pelas autoridades brasileiras: hiperinflação.

A dívida externa dos países em desenvolvimento triplicou durante a década de 1980 — chegando

hoje a 318 bilhões de dólares — por falhas das autoridades destes países nas negociações. De acordo com o relatório da Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad), os países credores, principalmente os que fazem parte do Clube de Paris, começam a reconhecer que a dívida externa não pode crescer tanto.

O relatório cita como exemplo deste reconhecimento o fato de que os 15 maiores devedores comprometiam, em 1989, 18 por cento de suas exportações com serviços da dívida. Este nível de comprometimento hoje não ultrapassa a casa dos 16 por cento.

Outro fato importante que a Unctad chama a atenção é o perdão de 50 por cento das dívidas externas da Polônia e do Egito, decidido nos últimos meses de abril e maio. O montante perdoado atinge a casa dos 24 bilhões de dólares. O relatório salienta que esse valor é mais que o dobro concedido pelos países desenvolvidos aos países em desenvolvimento, a título de ajuda oficial, desde 1978. O relatório da Unctad defende perdões semelhantes para outros países em desenvolvimento.

Os bancos privados credores também estão buscando a redução dos serviços da dívida de seus devedores, de acordo com o do-

cumento da Unctad. Depois de ressaltar que essas negociações para redução de débitos ainda são recentes, o relatório ressalta que o caso do México, que conseguiu reduzir sua dívida, entretanto, cria um clima bastante favorável que as negociações de redução de dívida se estendam a outros países. O México, após concluir as negociações com os bancos credores, recebeu uma injeção de dois bilhões de dólares em sua economia, em 1990.

Brady — O plano de reduzir as dívidas externas dos países em desenvolvimento proposto pelo governo dos Estados Unidos, o Plano Brady, do secretário do Tesouro Norte-americano é analisado com cautela pela Unctad. A entidade admite que o Plano Brady pode trazer um certo alívio para os países atolados em contas a pagar, mas salienta que o plano é bastante limitado no sentido de romper com o círculo vicioso que caracteriza as economias dos países pobres: desordem financeira interna, baixa produção e superendividamento.

O relatório da Unctad tece uma série de considerações ao Plano Brady, como por exemplo: o plano deveria ser fortalecido com um aporte maior de recursos, permitindo aos países devedores a reduzir em até 50 por cento seus débitos.